

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

KAREN VIEIRA PEREIRA
VINICIUS MIRANDA PEREIRA

BRUXARIA NA IDADE MÉDIA: DA TRADIÇÃO ÀS FOGUEIRAS

VITÓRIA
2016

Sumário

1	Introdução.....	3
2	Século XIV: instabilidade e perseguição da fé.....	6
2.1	Bruxaria, a demonização de um gênero.....	8
2.2	O sabá das bruxas.....	11
2.3	O Formicarius.....	12
3	Conclusão.....	14
4	Referências bibliográficas.....	15

1 Introdução

Durante a Idade Média na Europa, uma série de fatores contribuiu para a consolidação da perseguição às bruxas, tais como: o sabá das bruxas, a demonização das mulheres e o processo de inquisição. As práticas mágicas, nem sempre foram vistas como algo ruim ou maligno, concepção essa que emerge a partir da Idade Média, com a ascensão e fortalecimento do cristianismo católico. A imagem da bruxa como uma mulher má e aliada ao diabo, cuja tarefa era a derrubada da cristandade, nasce a partir de um conjunto de concepções gradualmente estruturadas por um clero supersticioso (CARDINI, 1996, p.14).

Nos séculos XIII e XIV, algumas partes da Europa sofreram com o advento de doenças - como a peste negra-, além de guerras e instabilidades políticas e religiosas (TOMAZELLI, 2016, p.10). Diante de um sentimento coletivo de medo que se constrói no “caótico” social do século XIV, percebe-se uma construção da corporificação do “mal”, uma espécie de sujeito que age pela devastação da humanidade e da fé cristã. Nasce então uma poderosa arma de controle para consolidação da Igreja e perseguição às bruxas, nos centenários posteriores.

O *Formicarius*, escrito por Johannes Nider, foi, nas palavras de Tomazelli (2016), o novo modelo representativo da bruxaria na primeira metade do século XV. Anos a frente, o documento embasou ainda o *Malleus Maleficarum*, um manual de inquisidores que deixa transparecer a visão eclesiástica sobre as bruxas.

Ambígua, a bruxa pode ser tanto a bela jovem sedutora (ainda sem marido e cheia de pretendentes) como a horrenda anciã, aparentada com a morte. Como um tipo psicossocial que emerge no final da Idade Média, essa imagem abarca uma ampla gama de traçados históricos sobre as mulheres e as várias etapas de suas vidas [...] O que a figura da bruxa ensina é um certo

modo de enxergar a mulher, principalmente quando esta expressa poder. (ZORDAN, 2005, p.332)

Outro ponto fundamental para compreensão do que se pretende aqui discutir é a figura e o papel da mulher na Idade Média; um gênero que não podia expressar poder, manifestação que desencadearia severas punições. A partir dessa visão patriarcal da época, constrói-se uma figura das bruxas: mulheres devoradoras e perversas que matavam recém-nascidos, comiam carne humana e tinham encontros em florestas onde elas praticavam orgias e adoravam espíritos malignos.

Deve-se estar atento a um detalhe: a representação e a diferenciação entre bruxaria e feitiçaria bem como o sabá das bruxas. Os encontros sacrílegos dividem-se em duas categorias: ordinários e ecumênicos, que variavam em espaço e periodicidade (TOMAZELLI apud COHN, 2016, p.69). Conforme o historiador Carlo Ginzburg, existiam estereótipos a respeito do sabá e um deles considerava que o demônio presidia a assembleia sob forma antropomórfica, geralmente um bode.

Ao se evocar as discussões acerca da documentação, um dos desafios é sua origem; idealmente, as fontes deveriam ter origens diversas e contemplar as variadas opiniões, no entanto, o que foi legado a nós do medievo, é de origem eclesiástica, que em sua maioria, não deu voz as mulheres, legando a elas o silêncio da história. O grande desafio é conseguir “dar voz” a esses marginalizados da história que não conseguiram relatar o seu próprio ponto de vista, restrição explícita aos grupos marginalizados. Por muito tempo, a História foi contada de forma linear e baseada em acontecimentos políticos no qual a única fonte confiável, que iria transmitir a verdade, eram os documentos oficiais.

A História positivista, defendida pelo Leopold Von Ranke, encontrou seu colapso com a chegada de dois historiadores que ajudaram a fundar uma revista científica chamada *Annales d'histoire économique et sociale*. Criou-se uma nova perspectiva e uma nova forma de pensar a história, agora, a história não seria retratada pelos acontecimentos políticos e figuras da nobreza, ela seria como coloca Michelet, uma história da perspectiva das classes subalternas, a história daqueles que sofreram, trabalharam, definharam e morreram sem a possibilidade de descrever seus sofrimentos (BURKE apud MICHELET, 1990, p.19)

Este artigo tem como objetivo analisar de maneira ampla o tema caça às bruxas, analisando simplórias ramificações do assunto, entre elas a demonização da mulher, diferenças entre magia e feitiçaria bem como esmiuçar como isso era visto antes do processo de aculturação promovido pela Igreja.

O presente artigo toma por base a dissertação de mestrado de Roni Tomazelli, e a obra do Jean Delumeau, *História do Medo no Ocidente*.

2 Século XIV: instabilidade e perseguição da fé

A perseguição às velhas tradições de origens pagãs, sobretudo às práticas mágicas, aparece em um conjunto de ações e comportamentos aos poucos assimilados às nuances de crimes de heresia que são construídos pela Igreja ao longo de sua história, que contornos definitivos a partir da primeira metade do século XV. A construção histórica que permeou a época moderna e integra o imaginário coletivo até a contemporaneidade advém de um contexto de “crises” – peste, guerra, fome e morte- e transformações no medievo no centenário anterior. Citada por Tomazelli (2016), Tuchman (1999) descreve esse espaço histórico como uma era violenta, que, para muitos à época, criam ser o triunfo de Satanás a partir de um sofrimento generalizado (TUCHMAN apud TOMAZELLI, 2016, p.77).

O homem do século XIV vivenciou hostilidades entre ingleses e franceses, com a Guerra dos Cem Anos, além de surtos de epidemias, sem qualquer experiência em prevenção ou remédio, sobretudo com a Peste Negra, cujo estimado número diário de mortos, por dia, era de 400 pessoas (TUCHMAN apud TOMAZELLI, 2016, p.78). Acreditava-se em um castigo de Deus aos pecados da humanidade e uma aproximação do fim dos tempos, que, em um contexto de medo coletivo, impulsionaram as autoridades eclesiais na identificação e punição dos que cometiam desvios da fé. A reordenação do cenário

religioso e a culpabilização das práticas mágicas aparece ainda em uma conjuntura de disputa política e religiosa, com o Cativoiro de Avignon (1305- 1378) e o Grande Cisma do Ocidente, com as disputas pontificais (1378-1417).

Conforme Franco Cardini (1996), o contexto de insegurança cristã católica criou culpados e os réus foram os marginais.

Insegurança da Igreja que, com medo da heresia, perseguia velhas superstições das quais nunca, até então, havia cuidado; desastres climáticos, econômicos e sociais para os quais era necessário encontrar um "bode expiatório" a quem atribuir responsabilidade; novo e duro controle da sociedade pelo estado absolutista. Estas três circunstâncias, atuando ao mesmo tempo, foram a origem da caça às bruxas como da perseguição de outros marginais, inclusive os judeus. (CARDINI, 1996)

Apesar de aparecerem em uma relação de sinônimos do ponto de vista de manipulação da natureza e contato com o sobrenatural, feitiçaria e bruxaria são compreensões históricas distintas: a primeira, uma prática urbana e individual- tais como os parteiros e curandeiros de uma comunidade-; a segunda uma manifestação rural e coletiva, cuja “existência estava mais condicionada à opinião pública do que à própria ideia que a bruxa fazia de si mesma” (TOMAZELLI, 2016,p. 53). Nesse sentido, Nogueira (1995) diz que com o processo de conversão dos pagãos à nova fé, a luz de Gregório Magno, a efetiva cristianização da Europa passa pela condenação da religião dos pagãos germanos e pelo processo de folclorização das velhas tradições comuns ao campo, que resistiram ao longo dos anos e integraram um duelo entre o milagre cristão e o prodígio pagão.

Com o estabelecimento do cristianismo, esta religião tinha sobrevivido, com suas cerimônias tradicionais e sacramentos, entre o povo comum, mas tomou um novo significado. A Igreja condenou a tradição como um culto ao Diabo e este ponto de vista foi adotado mesmo por aqueles que, em segredo ainda praticavam os antigos rituais (NOGUEIRA, 1995, p.48)

Para Tomazelli (2016, p. 66), o paganismo passou por um processo de adequação cristã, de modo que talismãs, rituais e amuletos fossem adequados ao sagrado eclesiástico. Segundo o autor, a apropriação das tradições das antigas religiões politeístas aparecia acompanhada da separação entre as práticas lícitas e as superstições ilícitas.

(...) as conversões eram, muitas vezes, acompanhadas pela ideia de que os conversos, para além da salvação, aderiam a uma espécie de “magia” – pois muito se acreditava nas práticas mágicas – mais potente (...). No entanto, as autoridades eclesiásticas medievais competiam com uma vasta gama de deidades pagãs, cujos poderes sobrenaturais manifestavam-se em todas as esferas da vida cotidiana. Eram deuses da natureza que prestavam ao homem comum o auxílio necessário. (TOMAZELLI, 2016, p.63)

Até a Alta Idade Média, os acusados de manterem as velhas práticas e cultos eram vistos apenas como dissidentes e, portanto, necessitavam de clemência e resgate para a fé verdadeira, por meio de punições para redenção dos pecados, a penitência. Agostinho de Hipona inocentava o homem praticante do pecado pagão, tendo em vista que cabia ao demônio mergulhar os indivíduos em um estado imaginário; uma espécie de enganação às mentes enfraquecidas na fé. (CARO BAROJA apud TOMAZELLI, 2016, p.57). De mesmo modo, consolidam-se teorias eclesiásticas sobre a irreabilidade dos atos mágicos, através do *Canon Episcopi* (c. 906), No século X, do abade Regino de Prüm. No documento, os bispos são orientados a expulsarem de suas dioceses homens e mulheres envolvidos com feitiçaria e malefícios, podendo ser resgatados das falsas crenças apenas com exílio e penitência (BASCHET apud TOMAZELLI, 2016, p.57).

O ideal persecutório é intensificado com o Quarto Concílio de Latrão (1215), o mais importante concílio do Medievo. Com texto, desenha-se uma nova concepção de malignidade fortemente ligada ao papel da Igreja como responsável por um controle cristão social, através do expurgo às velhas crenças e às contrárias da fé católica, e pelo

endurecimento no trato com as heresias, com a magia e com a superstição, desenvolvimento o que é exacerbado no século XV.

Essa mudança de concepções no discurso clerical de demonização da bruxaria, que contrastava as fronteiras entre o real e o imaginado, consolidou-se efetivamente com os grandes manuais de perseguição e caça às bruxas, o que viria a desfrutar por completo as teorias desenvolvidas e estabelecidas pelo *Canon Episcopi* (TOMAZELLI, 2016, p.59).

2.1 Bruxaria, a demonização de um gênero

A bruxa é uma representação social que aparece anterior aos processos em que o mundo é racionalizado e o mais indicado estudo dessa figura consiste em ficar limitado ao campo da fenomenologia, tendo em vista que sua história é relatada apenas em documentos de inquisição e eclesiásticos; parte-se sempre de um escrito de austeridade, com a visão e narrativa do outro. Estudar as bruxas em si mesmas, logo, é pouco provável, já que a voz livre dessas nunca chegou até nós.

A concepção de bruxa, mais do que a demonização de um conjunto de práticas temporais, refere-se a uma cultura mística de superstição criada sobre um gênero, que se consolidou no imaginário popular. A conexão à mulher e o arquétipo de bruxa comum ao Medievo aparece no papel da figura feminina em Lesbos, na Grécia. Segundo Gilson Xavier de Azevedo, em *Das vassouras aos ramos: o arquétipo das benzedeiras nas antigas bruxas medievais*, a mulher sacerdotisa “decidia seus parceiros e, entre os celtas, eram as mulheres que construía a magia protetora das tribos” (p.123, 2015). Roni Tomazelli também fala sobre a figura literária do que hoje conhecemos bruxas ou feiticeiras. À luz do *Historical Dictionary of Witchcraft* (2003), de Michel David Bailey, o autor fala da proposição dessa figura na antiguidade e sua concepção medieval. Como indica Tomazelli (2016), as feiticeiras Circe e Medeia, filhas de Écate, a deusa da morte, aparecem em um contexto de magia erótica e

passional. A primeira, descrita em Odisseia de Homero, representa a sedução, que é perigosa aos homens - Circe tornou-se famosa na mitologia por transformar a tripulação de Ulisses em porcos; a segunda é apontada como o arquétipo do erotismo. Como conta a história, Medeia apaixona-se por Jasão e é trocada por outra princesa, com isso, logo sua paixão transforma-se em desejo de vingança. Tem-se então os primeiros traços que influenciam a caracterização das bruxas no medievo como seres movidos pelas paixões carnaais. (TOMAZELLI, 2016, p.56).

A criação das bruxas medievais e modernas reflete um modo de enxergar as mulheres em uma sociedade patriarcal, sobretudo às que não são dominadas por regras civilizatórias, nesse caso o cristianismo ; Zordan (2005) diz que, em âmbito catequizante, “a bruxa era o expurgo de todos os males atribuídos ao feminino, começando com o pecado original e a desobediência da ‘primeira mulher’, pintada como colaboradora de satã” (p.33). Ainda segundo a autora, o papel da bruxa foi de caráter pedagógico e moralizador durante o combate cristão ao mal encarnado. Desse modo, a figura feminina provida de poder aparece relacionada a um pacto com o próprio diabo para operar o sobrenatural e as damas de “boa conduta” como criaturas suscetíveis a sedução do pecado.

A bruxa aparece ainda como símbolo da promiscuidade por conta de antigas tradições chamadas pagã de cultos à fertilidade. Tomazelli (2016), em sua análise sobre a bruxaria no medievo, indica descrição contida no Livro V, do *Formicarius* (1435-1437), do reformador dominicano Johanne Nider (1380/85 -1438), que apresenta as bruxas como feiticeiras malignas, que reuniam-se para adorar o diabo, comer crianças e praticar orgias num típico estereotipo do sabá (p. 11). Zordan vai ao encontro dessa concepção.

Copuladora, a bruxa é a mulher perversa que “ardentemente tenta saciar sua lascívia obscena”,

aquela cuja cobiça carnal é causa de infidelidade e cujo “fascínio desmedido” pela concupiscência faz dela alegoria da ambição e da luxúria. Mulher fatal, mortífera, causa de perdição, a bruxa advém das antigas deusas, da Lilith hebraica, dos ritos dionisíacos e dos bacanais. (ZORDAM, 2005, p. 334)

O *Malleus Maleficarum* ou o Martelo das Feiticeiras, conforme a tradução para o português, o manual de caça às bruxas, publicado entre 1486 e 1487 pelos monges alemães dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger, indica que essas relações entre as bruxas e o demônio era estabelecida pelos sabás, o que Zordam cita como “festas macabras nas quais se comia carne de recém nascidos, entrava-se em transe e após danças frenéticas as bruxas copulavam com o diabo” (2005, p. 334). A descrição desses rituais é de missas negras, com negação e profanação da fé cristã e de seus símbolos. O termo sabá vem do *shabat* dos judeus, grupo entre os marginalizados pela Igreja, os que não se adequavam ao contexto sociopolítico comum à época; pela tradição, o *shabat* é o dia das orações, do pôr do sol de sexta ao pôr do sol d sábado, o último dia da criação.

A caracterização do feminino e, conseqüentemente da suposta adoradora do mal, foi estruturada pelas autoridades eclesiásticas e atrelada a uma representação coletiva sobre as bruxas como um ser nocivo. Conforme Tomazelli (2016), a existência dessa figura estava condicionada à opinião pública, tendo em vista que nem mulheres definidas como bruxas assim se definiam. A marca do diabo para esse grupo fez com que surgisse, no imaginário popular, a ideia de uma bruxa para além da sensualidade, com marcas físicas no corpo, que denunciavam seu desvio moral e da fé em uma humanidade deturpada.

Desse modo, parece ter ficado claro que a figura da mulher solitária, ligada à arte da cura, da bênção não oficial e de longos tratamentos, foi constituída má. Mesmo em contos de fadas quando o mal se apossa de uma mulher, ela tornar-se-á a bruxa má e velha para assim praticar o mal. Isso indica que tais mulheres

viviam relegadas ao isolamento, à fome e à morte desassistida. (AZEVEDO, 2015, p.126)

Apesar de postas à margem social, a procura pela magia das bruxas, certamente escondida, era recorrente, o que prova a relação do homem com o sobrenatural ao longo da história e sua ânsia por satisfazer suas próprias vontades, as carnavais, e não as de Deus. Com contornos bem definidos a partir do século XV, as bruxas são, na verdade, segundo Franco Cardini (1996), vendedoras de sonhos ocultos à fé cristã.

O que vale, por fim, é que os clientes das bruxas são muito mais interessantes que as próprias bruxas. Porque as bruxas são, antes de mais nada, *consolatrices afflictorum*, vendedoras de sonhos e de ilusões de potência, de triunfo, de vitória, de vingança. E são bodes expiatórios dos maus pensamentos de uma sociedade cheia de desejos e de medo, de vícios e de impotência. A bruxaria triunfa quando não há esperança de outra redenção, nem social nem cultural. Eis porque a "caça às bruxas" foi uma grande tragédia. Não apenas para as bruxas (CARDINI, 1996).

2.2 O sabá das bruxas

O que de fato, segundo Tomazelli (2016), separa a bruxaria demoníaca da tradicional feitiçaria é o sabá, a maior expressão representativa da bruxaria no medievo, que se delineia, efetivamente, no século XV. De acordo com Caro Baroja (1978), a primeira aparição descritiva do termo ocorre um século antes, em processos de inquisição em Toulouse e Carcassone, onde bruxas teriam confessado serem parte de um exército do demônio, o dono de suas vidas¹. (BAROJA apud TOMAZELLI, 2016, p.69).

¹ Vale descartar que nenhuma mensagem foge ao conteúdo subjetivo de seu emissor, contendo bagagens políticas e culturais. Logo, como a massiva parte dos documentos sobre bruxaria são de origem eclesiástica, juízes e inquisidores, não se pode dizer, ao certo, onde há fatos ou exageros, bem como tais declarações também poderiam ser fruto de alucinações provocados por intensas torturas.

A reunião demoníaca das bruxas foi tratada pelo italiano Carlo Ginzbur (1991), em termos gerais, como o encontro com o mal. Conforme o autor, era recorrente pensar em bruxas chegando em voos de vassouras ou em lombo de animais. No imaginário popular criado pela Igreja, as bruxas e bruxos passavam pelo corpo uma espécie de pomada ou creme feito à base de gordura de crianças e praticavam orgias sexuais, além de danças macabras. A reunião, que profanava a fé cristã, era presidida pelo mal personificado: o diabo e, forma antropomórfica ou zoomórfica. (GINZBURG apud TOMAZELLI, 2016, p.68)

Segundo Norman Cohn, em *Los demônios familiares de Europa* (1997), os sabás, antes conhecidos como “sinagogas”, dividiam-se em duas categorias: ordinários e ecumênicos. O primeiro referia-se a uma reunião semanal e local; o segundo é uma espécie de congresso ou encontro regional dos praticantes da bruxaria, sempre em diferentes localidades, três a quatro vezes por ano. (COHN apud TOMAZELLI, 2016, p. 69)

2.3 O Formicarius

Diante de um cenário de profundas transformações, que se estabelece entre o medievo e a modernidade, configura-se um modelo representativo da bruxaria e de estratégias eclesiásticas de perseguição aos seus praticantes, que põe fim a distinção das ilusões diabólicas ditas no *Canon Episcopi* e os atos mágicos. A partir dos séculos XIV e, sobretudo, XV firma-se a necessidade a corrigir os contrários à fé cristã e de extirpar as superstições por meio de reforma eclesiástica, que deixa como herança uma série de tratados que descrevem surtos de heresias – principalmente nas regiões que hoje correspondem ao noroeste da Itália, sudeste da França, centro e oeste da Suíça e sudoeste da Alemanha. Aqui, para o clero

supersticioso, tudo se torna parte de um universo maligno envolto em magia (TOMAZELLI, 2016, p.86).

Os primeiros tratados inquisitoriais que aparecem no século XIV, segundo Tomazelli (2016) - *Practica Inquisitionis haeretiace pravitatis*, de 1319 -1323, e o *Directorium inquisitorum*, de 1376 - funcionam como mecanismos para identificação dos hereges e, ao lado do *Malleus maleficarum* (1484 - 1486), constituem dois polos da decisiva evolução conceitual da feitiçaria no centenário posterior.” Em outras palavras, a primeira metade do século XV representou uma revolução das concepções vigentes sobre feitiçaria e bruxaria, elevando a um patamar as discussões desses temas tanto em nível secular quanto eclesiástico” (TOMAZELLI, 2016, p.88).

Coube a Johannes Nider, um reformador dominicano, tornar claro o novo molde que assumiria a bruxaria no medievo através do *Formicarius* (1435-1437), um tratado doutrinal e moral. O documento foi elaborado no Concílio de Basíleia (1431-1449), que foi palco de debates - temas esses que emergiam após o calamitoso século XIV- sobre uma reforma religiosa cristã católica e tornou-se o estopim para a difusão do estereótipo da bruxaria na Europa ocidental bem como compilação de informações - principalmente as notas do Livro V, *Os feiticeiros e seus enganos* - que vão ser agregadas, anos depois, ao inquisitorial de caça às bruxas, o Martelo das Feiticeiras.

O *Formicarius* apresenta uma seita de adoradores de Satanás - atuantes nas regiões de Berna e Lausana-, que faziam reuniões noturnas, praticavam orgias e trabalhavam para destruição da humanidade, o que Nider apresenta em uma variada seleção de relatos ilustrativos pela *exempla*, um recuso discursivo que dá caráter de veredito à narrativa. O dominicano constroi sua teoria a partir de uma analogia a uma colônia de formigas e evidencia os vícios que

levam ao homem a desviar-se, cada vez mais, do caminho da salvação (TOMAZELLI, 2016, p.96).

A partir da atmosfera de medo que pairava sobre o fim do medievo, o *Formicarius* responsabilizou o diabo por todas as adversidades da época e os pecadores como o próprio caminho de entrada do mal na sociedade, originando, então, um sistema de oposições, a eterna luta entre o bem e o mal, entre Deus e o diabo, entre os que guardam a fé e os maléficos pecadores.

3 Conclusão

A partir dos temas analisados pode se concluir que, as fontes que estudamos hoje passavam uma visão única e eclesiástica sobre a bruxaria e isso influenciou muito o pensamento popular tanto na Idade Média como na Moderna. Uma forma para resolver essa visão foi: como a História seria trabalhada. Ela não teria um simples objetivo de relatar os acontecimentos políticos através de documentos ditos oficiais, a “nova história” que surgiu no século XIX contribuiu bastante para repensarmos temas como a história da bruxaria.

A percepção construída aos poucos da mulher nos séculos XV e XVI, foi um processo que criou a demonização de sua imagem ao longo do medievo, pois, havia a necessidade de apontar a culpa de todo o caos que estava ocorrendo no início do século XIV. A Igreja Católica teve um papel importante em oficializar um modelo representativo e idealizado da bruxaria e de estratégias eclesiásticas de perseguição aos seus praticantes, e esse modelo representativo era respaldado pelo *Malleus maleficarum*.

Cabe ressaltar que, a Igreja Católica em si não criou sozinha a imagem da mulher como bruxa ou as práticas da bruxaria, ela teve o

favorecimento de toda uma situação política, econômica e religiosa. Influências maiores impulsionaram essa visão misógina da bruxa, o medo e uma sociedade patriarcal contribuíram para a formação da imagem da bruxa, pois a Idade Média foi um período cercado pelas superstições fenomenológicas, a religião e seus dogmas estavam tão enraizados dentro da sociedade que parecia impossível haver uma incredulidade na época. Em suma, o que vemos no período medieval são as ações movidas pelo medo, o real e o imaginário são separados por um fio tênue, e a bruxaria com suas consequências não fogem dessa percepção de real e imaginário.

4 Referências bibliográficas

CARDINI, Franco. **Magia y brujaria en la media edad y en el renacimiento**. Tradução do espanhol: Sylvia Leser de Mello - IP-USP. São Paulo: Psicol. USP v.7, 1996

DE AZEVEDO, Gilson Xavier. **Das vassouras aos ramos: o arquétipo das benzedeadas nas antigas bruxas medievais**. São Paulo: Revista Mandrágora, 2015, v. 21, p. 119- 133.

TOMAZELLI, Roni. **A Representação Clerical da Bruxaria no século XV: O Livro V do Formicarius, de Johannes Nider**. Vitória, 2016.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. **Bruxas: figuras de poder**. Florianópolis: Estudos Feministas v. 256, maio-agosto/2005, 2005.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989:** A revolução francesa da historiografia. Tradução do francês: Nilo Odalia. São Paulo: UNESP, ed. 2, 2010

